





Catira Digital: as danças populares nas aulas de Educação Física em formato remoto


Catira Digital: popular dances in physical education classes in remote format
Catira Digital: las danzas populares en las clases de educación física en forma remota

Gabriel Garcia Borges Cardoso 

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. 
gabrielgarcia.cardoso@gmail.com

Eliene Nunes Macedo 

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. 
nuneseliene2@gmail.com

10.31668/praxia.v4i0.13087 

Resumo: Este artigo relata o trato com a Catira, uma dança popular típica da região centro-oeste do Brasil, nas aulas de Educação Física em formato remoto. As intervenções foram planejadas para três turmas do 1º ano do ensino fundamental, de uma escola pública do município de Senador Canedo, durante o segundo módulo do Programa de Residência Pedagógica. Ao longo do planejamento, nos aproximando da metodologia crítico-superadora, tivemos como objetivo apresentar conceitos importantes das danças populares, além de possibilitar a vivência, em formato remoto de forma assíncrona, da Catira. Após as intervenções, constatamos um baixo número de alunos que participam das aulas de Educação Física em formato remoto. Nota-se, portanto, que esse formato de ensino que privilegia apenas aqueles que possuem acesso à internet e às tecnologias, não cumpre com o real papel da educação pública: ser o local de ensino democrático.

Abstract: This article reports the treatment with Catira, a popular dance typical of the central-west region of Brazil, in Physical Education classes in remote format. The interventions were planned for three classes of the 1st year of Elementary School, from a public school in the city of Senador Canedo, during the second module of the Residência Pedagógica Program. Throughout the planning, approaching the critical-overcoming methodology, we aimed to present important concepts of popular dances, in addition to making it possible to experience Catira in a remote format and in a asynchronous form. After the interventions, we found a low number of students who participate in Physical Education classes in remote format. It is noted, therefore, that this teaching format that privileges only those who have access to the internet and technologies, does not fulfill the real function of public education: to be the place of democratic teaching.

Resumen: En este trabajo, vamos a presentar un relato acerca del Catira, una danza popular típica de la región centro-oeste de Brasil, en clases de Educación Física en forma remota. Las intervenciones fueron planificadas para tres clases de primer grado en una escuela pública de la ciudad de Senador Canedo, durante el segundo módulo del Programa de Residencia Pedagógica. Durante la planificación, abordando la metodología crítico-soperador, pretendimos presentar conceptos importantes de las danzas populares, además de possibilitar la vivencia, en formato remoto en forma asincrónica, de Catira. Después de las intervenciones, observamos un bajo número de alumnos que participan en las clases de Educación Física en formato remoto. Se puede notar, por lo tanto, que este formato de enseñanza, que privilegia sólo a los que tienen acceso a internet y a las tecnologías, no cumple con el verdadero papel de la educación pública: ser un lugar de enseñanza democrático.

Palavras-chave:

Educação Física.
Dança.
Ensino Remoto Emergencial.
Catira.

Keywords:

Physical Education.
Dance.
Emergency Remote Teaching.
Catira.

Palabras clave:

Educación Física.
Baile.
Enseñanza Remota de
Emergencia.
Catira.



Afinei minha viola para cantar na catira
Nossa dança brasileira que o nosso povo admira
Ai, Ai, dança do nosso folclore o seu valor ninguém tira

(Os Favoritos da Catira, 2008)

Introdução

Este artigo apresenta uma sistematização do trabalho pedagógico de Educação Física a partir da possibilidade de intervenção da Catira, uma dança popular típica da região centro-oeste do Brasil, desenvolvida com turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, em formato remoto.

A síntese expressa neste texto é fruto dos planejamentos e experiências realizadas a partir do Programa de Residência Pedagógica (RP), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado ao curso de licenciatura em Educação Física de uma instituição pública do estado de Goiás, realizada em uma escola pública do município de Senador Canedo (Goiás), entre os meses de abril e junho de 2021.

Tentando nos aproximar dos pressupostos teóricos e metodológicos da pedagogia histórico-crítica e da metodologia crítico-superadora, entendemos a cultura corporal como eixo central das aulas de Educação Física escolar, ou seja, as diferentes formas de representação do mundo produzidas pela humanidade ao longo da história (danças, jogos, lutas, esporte etc.).

A pandemia causada pelo COVID-19 exigiu o distanciamento social, fazendo com que o contato entre alunos e professores fosse mediado por tecnologias. Neste contexto, vale sublinhar que a escola-campo é localizada numa região periférica e que, a falta de acesso à tecnologia dificultava o acesso ao ensino remoto. Nesse sentido, a comunicação com a grande maioria dos alunos ficou bastante fragilizada, quase inexistente, não sendo possível realizar um levantamento do contexto histórico-cultural de cada aluno e nem dialogar de forma sistematizada sobre seus conhecimentos prévios. Nesse sentido, após algumas reflexões sobre as possibilidades possíveis, o caminho trilhado e os conteúdos selecionados tiveram como referência os documentos oficiais da rede - a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), o *Documento Curricular para Goiás – Ampliado* (DC-GO), e o *Projeto Político e Pedagógico* (PPP) da instituição -, assim como, a experiência do professor preceptor, que atua há mais de sete anos como professor na região e relata conhecer bastante o contexto nos quais os alunos estão inseridos.

Neste artigo, buscaremos discorrer sobre elementos que foram importantes para o planejamento das intervenções, tendo como principal objetivo apresentar

conceitos relacionados à Catira, além de possibilitar, mesmo que em formato remoto, sua vivência, entendendo que ao propormos o trabalho a partir de uma fundamentação histórico-crítica e crítico-superadora, tomamos a historicidade enquanto categoria fundamental.

Catira: uma dança típica da Região Centro-Oeste do Brasil

As Danças, por serem parte presente na cultura de cada sociedade, são, segundo Franco e Ferreira (2016), fenômenos que acompanham o ser humano desde o seu surgimento, assumindo o papel demarcador das mudanças ocorridas ao longo da história. Os autores colocam que o movimento corporal, antes da fala, era a forma de manifestação do ser humano diante do mundo, e que, como toda arte, a dança é fruto da necessidade de expressão.

Neste sentido, a Catira, assim como apresentado na música *Viola na Catira* (Os Favoritos da Catira) – epígrafe deste trabalho –, por ser uma dança presente na sociedade durante várias gerações, está inserida no contexto da cultura popular brasileira, geralmente associada ao mundo rural.

Sobre a origem da Catira¹, Cascudo (2012) diz:

Stradelli crê o cateretê indígena. Artur Ramos, africano. Ezequiel, citado por Teófilo Braga, deduziu-o como a dança do séc. XVI que se chamou *carretera* em Portugal. A dança tem alguns [sic] elementos fixos, apresentando variações na música e na coreografia. [...] ao som de palmas e de bate-pés, guiados pelos violeiros que dirigem o bailado (p. 185).

Tentando defini-la em poucas palavras, apresentamos a Catira como uma dança, de origem incerta, com traços da união cultural de negros, indígenas e europeus, caracterizada por ter coreografias pautadas em sapateados e palmas que acompanham a música tocada no instrumento chamado Viola Caipira. A partir desta breve definição identificamos elementos que são fundamentais para que a Catira aconteça: os Catireiros (dançadores de Catira), os Violeiros (tocadores de Viola Caipira), e a Moda de Viola (música tocada durante a dança).

Por mais que, a partir de um primeiro olhar, as coreografias possam parecer iguais, cada região apresenta características próprias nas execuções, tornando-as únicas. Segundo Teixeira (2012), as catiras são acontecimentos coletivos voltados para a reunião de parentes e pessoas conhecidas que possuem como laço de relação a dança. Em sua origem era geralmente realizada durante a noite, ou em dias festivos, pois, como bem apresenta Teixeira (2012), os “atores da catira” – os Catireiros – são representados por trabalhadores rurais, que durante o dia estão trabalhando: um longo dia de trabalho “roçando pasto, fazendo farinha ou capinando a roça tem que ser compensado por uma noitada de catira” (PESSOA *apud* TEIXEIRA, 2012, p. 29).

O Violeiro – tocador de Viola Caipira – é um elemento que ultrapassa a Catira e se insere na cultura brasileira e essa inserção caminha lado a lado com o processo de interiorização do instrumento musical. A Violaⁱⁱ chega ao Brasil junto com os colonizadores portugueses e torna-se um dos principais instrumentos musicais usados pelos Jesuítas durante a catequização dos povos indígenas. Ivan Vilela (2015) apresenta que durante os três primeiros séculos da colonização a Viola era o principal instrumento acompanhador de cantos. Desde então, a Viola faz parte do cotidiano do povo que aqui foi se criando, e foi se espalhando para o interior do Brasil, sendo levada nas bagagens dos bandeirantes e tropeirosⁱⁱⁱ.

A partir desse processo de interiorização dos Violeiros e da Viola, a forma de tocar, de cantar, de dançar e o próprio instrumento sofreram transformações. Assim, encontramos nas diferentes regiões do Brasil, diferentes tipos de Viola: a Viola Caipira, a Viola Fandangueira ou Caiçara, a Viola de Queluz, a Viola Dinâmica (utilizada por repentistas nordestinos), e modelos mais rústicos e artesanais, como a Viola de Cocho e a Viola de Buriti.

Figura 01 – Violas do Brasil: (da esquerda para direita) Viola Caipira, Viola Fandangueira ou Caiçara, Viola de Queluz, Viola Dinâmica, Viola de Cocho, Viola de Buriti.



Fonte: colagem elaborada pelo autor^{iv}.

Na Catira prevalece o uso da Viola Caipira, muito utilizada nos diferentes estilos e ritmos da música sertaneja, dentre eles as Modas de Viola. Este estilo da música sertaneja, cantado durante a Catira, tem como característica a exposição da vida cotidiana dos “caipiras” através das histórias cantadas por uma dupla que, ao mesmo tempo que cantam, ponteiam a Viola Caipira, transformando o instrumento em uma “terceira” voz. Nos intervalos entre uma estrofe e outra a dupla executa na Viola um ritmo chamado de “recortado” e é neste momento que os Catireiros fazem suas coreografias. Assim, a Catira é uma dança que intercala momentos de cantoria (em que os Catireiros ficam descansando), e momentos de dança (em que os

cantadores descansam sua voz), ou seja, não há dança durante o canto e não há canto durante a dança.

Embora não seja o objetivo central do nosso trabalho, precisamos apresentar que quando nos propomos ao estudo e o ensino de um elemento específico da cultura corporal, tendo a historicidade como categoria fundamental, o nosso objeto evoca discussões que vão além do olhar imediato. Dentre essas discussões está o uso de alguns termos que em sua origem foram regados de preconceito e enraizados na sociedade como sendo algo normal, e que, conseqüentemente, age como elemento histórico. Aqui citamos o termo Caipira, um elemento que precisa ser discutido e desconstruído, pois, muitas vezes é usado como um adjetivo pejorativo. Sobre isso podemos lembrar do conhecido personagem Jeca Tatu, apresentado pela primeira vez nos contos *Urupês* e *Velha Praga*, de Monteiro Lobato (publicados em seu livro *Urupês* em 1918), que anos mais tarde seria ilustrado na forma do Jeca Tatuzinho, personagem doente e preguiçoso; e do Jeca, representado nas telas de cinema por Amácio Mazzaropi (1912-1981).

O Jeca, então, passa a ser a representação dos habitantes do interior de São Paulo e das regiões vizinhas (Goiás e Minas Gerais), contada a partir dos olhos do autor, olhos da elite rural brasileira da época, e de um defensor da eugenia. Esse olhar pejorativo fica mais evidente no conto *Velha Praga*: “Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nomade, inadaptável á [sic] civilização, mas que vive á [sic] beira dela na penumbra das zonas fronteiriças [...] Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se” (LOBATO, 1974, p. 141, grifo do original).

Um outro elemento que surge a partir das análises da Catira, é a própria história do Brasil e suas relações sociais: da colonização, catequizaçãov e escravidão, passando pelos bandeirantes, tropeiros e mineiros, até a chegada do processo de urbanização e industrialização. Perceber como o instrumento característico da Catira, a Viola Caipira, se transformou ao longo do tempo, é perceber as construções e transformações sociais e culturais. Analisar a representação do ser-humano brasileiro em obras de arte, contos, histórias e músicas, ajuda a identificar elementos que foram se transformando, se construindo, e se enraizando. Uma característica da Catira que ao longo do tempo foi sendo reconstruída, e que merece destaque, é a inserção de mulheres “catireiras”, uma vez que, originalmente, a Catira era dançada apenas por homens.

Teixeira (2012) apresenta que a Catira pode ser considerada uma dança que evoca uma tradição e exprime o sentimento de pertença e de transmissão. Segundo a autora, a tradição é viva e encontra-se em movimento, assim como a cultura. Dessa

forma, a Catira ajusta-se, por um processo de ressignificação de seus conteúdos socioculturais, a determinadas localidades e culturas e constitui-se como uma manifestação “que pode ser tida como contínua, exibindo-se como abertura de caminhos e possibilidades de reconstrução de rituais que valorizem essa cultura e o conhecimento transmitido pelas gerações” (TEIXEIRA, 2012, p. 37).

Com base na fundamentação histórica de alguns elementos da Catira, apresentadas brevemente no decorrer deste trabalho, apresentamos a seguir a importância do trato das danças nas aulas de Educação Física escolar, assim como o processo de trabalho pedagógico envolvendo planejamento, intervenção e avaliação do processo ensino-aprendizagem das Danças Populares, com ênfase na Catira, realizada nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, em formato remoto de forma assíncrona.

A escola, o ensino remoto e a pandemia

Desde março de 2020 o Brasil sofre as consequências de um mal gerenciamento, sobretudo na saúde, a respeito da pandemia do (não tão) novo coronavírus (SARS-CoV-2). Dois anos após o início da pandemia (março de 2022), o Brasil registra mais de 650 mil mortes causadas pela *Coronavirus Disease 2019* (Doença por Coronavírus 2019 - COVID-19). Em Goiás, região que desde o início da pandemia encontra-se em estado crítico de contaminações, já são mais de 20 mil óbitos.

Como se não bastasse a calamidade relacionada à saúde, o período de pandemia escancarou a realidade do acesso da população brasileira às tecnologias e ferramentas digitais. De acordo com pesquisas realizadas no ano de 2020, 26% dos alunos da rede pública que estavam tendo aulas *on-line* não possuem acesso à *internet* (AGÊNCIA SENADO, 2020 *apud* SAVIANI; GALVÃO, 2021). Além disso, mais de 4,5 milhões de brasileiros não possuem acesso à *internet* banda larga e mais de 50% dos domicílios, localizados em áreas rurais, não possuem nenhum tipo de acesso (ANDES-SN, 2020 *apud* SAVIANI; GALVÃO, 2021).

Em uma pesquisa realizada pelo Gabinete de Articulação para Enfrentamento da Pandemia na Educação Pública em Goiás (GAEPE/GO), através de um levantamento realizando entre maio e outubro de 2020, constatou-se que nas Redes Estaduais e Municipais do Estado de Goiás há insuficiência de equipamentos para alunos e professores, e dificuldade ou ausência total de acesso à *internet* (GAEPE/GO, 2020). Nesta pesquisa, intitulada *Diagnóstico da Conectividade das Redes Estadual e Municipais de Ensino do Estado de Goiás*, verificou-se que, durante a pandemia de

COVID-19, 99% das redes municipais de ensino do estado de Goiás estavam realizando suas atividades pedagógicas de forma não presencial.

Assim como em outras escolas da rede pública de ensino do estado de Goiás, a escola-campo continuou com suas aulas em formato remoto. Seguindo orientações da Secretariaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (Senador Canedo/GO), a instituição optou por trabalhar com a plataforma *Google Classroom*, onde cada turma possui uma sala virtual, na qual os professores realizam as postagens das atividades, e os alunos acessam, baixam os arquivos, e postam imagens, vídeos e áudios, referentes às tarefas propostas, comprovando, assim, sua participação.

Unidade temática: danças populares

De acordo com o PPP da instituição escolar, o planejamento pedagógico é feito com base em dois documentos fundamentais: a BNCC e o DC-GO. O DC-GO, documento elaborado a partir da BNCC da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, possui como objetivo explicitar as aprendizagens essenciais que todas as crianças e estudantes têm o direito de se apropriarem ao longo da Educação Básica (GOIÁS, 2019).

Segundo Barbosa, Silveira e Soares (2019), ao realizar uma análise detalhada da BNCC, é possível verificar mudanças estruturais e de conteúdo na definição dos direitos a serem garantidos a todas as crianças, adolescentes e jovens. Para os autores, é possível observar um esvaziamento quanto à formulação de direitos constitucionais, sendo retirados/omitidos pressupostos importantes nas versões finais no documento. Tais apontamentos reafirmam o pressuposto de uma visão empresarial, assumindo como eixo a noção de competência. Segundo Saviani (2021), essa Pedagogia da Competência, “apresenta-se como outra face da ‘pedagogia do aprender a aprender’” (SAVIANI, 2021, p. 437). Ambas possuem como objetivo dotar os indivíduos de comportamentos flexíveis que permitam se ajustarem às condições de uma sociedade em que as próprias necessidades de sobrevivência não estão garantidas.

Seguindo a Proposta de Educação Física, disponível no documento *Currículo Norteador das Práticas Educacionais do Município de Senador Canedo*, e a partir de uma recomendação do professor preceptor da escola-campo, a Unidade Temática trabalhada com as turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, durante os meses de abril e junho de 2021, foram as Danças Populares, que, de acordo com a BNCC, “[...] explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias” (BRASIL, 2017, p. 218).

Fundamentados na metodologia crítico-superadora da Educação Física, entendemos que a dança é uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do ser-humano podendo ser considerada uma “língua social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes [...]” (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 81).

Enquanto professores, entendemos que tanto o planejamento, quanto a realização das intervenções, estão relacionadas, de forma direta, com concepções de mundo, de ser-humano, do papel do professor e da função da escola. Desta forma, compreendemos que o trabalho educativo “é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2013, p.13). Para tanto, tomamos como fundamental a luta e a defesa pela educação pública, rica em conhecimentos sistematizados, local de ensino democrático, onde crianças, jovens e adultos, tenham acesso a conhecimentos que, na sociedade, estariam destinados a pessoas com melhores condições financeiras, oportunizando, assim, a formação de um sujeito crítico e consciente da realidade social (CARDOSO *et al.*, 2020).

Neste sentido, acreditamos que um dos objetivos do professor é o de proporcionar o desenvolvimento potencial do aluno e aprendizagem dos conhecimentos produzidos pela humanidade, realizando a sistematização e transformação do conteúdo – as Danças Populares, nesse caso – em saber escolar acessível aos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental (CARDOSO *et al.*, 2020). Para além, entendemos que, nessa realidade pandêmica, seria necessário, ainda, realizar a sistematização desse conteúdo, tornando seu ensino possível para a realidade do ensino remoto assíncrono.

A partir destas concepções de escola, de ensino, de professor, de ser-humano e de mundo, nos colocamos contrários às formas instrumentalizadas de se pensar a Educação Física escolar. Ou seja, o ensino da Dança, enquanto elemento da cultura corporal, deve ir além do ensino de gestos técnicos, da reprodução de coreografias e movimentos. É preciso, pois, que as crianças, jovens e/ou adultos compreendam e internalizem traços característicos de determinada dança e façam reflexões sobre o processo de construção e transformação existente ao longo da história humana.

Mais desafiador que ensinar a Catira para crianças entre 5 e 6 anos, foi ensinar a Catira em formato remoto de forma assíncrona. Atendendo as demandas da instituição escolar, as aulas foram planejadas e elaboradas para as três turmas de 1º ano da escola (turmas C, D e E). Todas as turmas tiveram acesso as mesmas atividades/aulas. Foram planejadas quatro atividades/aulas que, semanalmente, foram

postadas às quintas-feiras, pontualmente às 13h, na plataforma *Google Classroom*. A partir de então, as crianças tinham acesso às atividades, podendo realizá-las durante toda a semana.

Como o modelo de ensino adotado pela escola-campo (ensino remoto assíncrono) não nos possibilitou verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática a ser trabalhada, optamos por, principalmente na primeira aula, apresentar de forma ampla conceitos importantes sobre as Danças Populares. Nesse sentido (conforme apresentado no Quadro 1), as atividades/aulas foram sistematizadas, seguindo as especificidades da escola, com o objetivo de apresentar tais conceitos gerais, além das principais manifestações populares da região, para só então aprofundarmos na vivência da Catira.

Quadro 01 – Divisão dos conteúdos das aulas a partir dos objetivos de cada grupo temático.

Aulas	Objetivos	Procedimentos metodológicos
01	Conhecer o conceito de “Popular” e “Típico”.	Análise de imagens que retratam algumas manifestações populares da região Centro-Oeste: Cavalhadas de Pirenópolis/GO, Romaria dos Carros de Boi de Trindade/GO, Procissão do Fogaréu de Goiás/GO, Congada, Catira, Quadrilha Junina.
02	Aprender sobre o processo histórico de algumas danças típicas da região Centro-Oeste (Congada, Quadrilha Junina e Catira).	Análise de imagens, vídeos e pequenos textos que apresentam uma breve historicização das danças populares: Congada, Quadrilha Junina e Catira.
03	Aprender sobre o processo histórico, conhecer elementos específicos e característicos da Catira, além de vivenciar a dança.	Vivenciar a Catira, a partir de um vídeo produzido pelos professores, onde são ensinados alguns movimentos característicos da dança, além de apresentados elementos típicos ligados à vestimenta e à música.
04	Encerramento da temática	Relembrar os conteúdos e conceitos apreendidos nas aulas anteriores.

Fonte: elaboração dos autores.

A avaliação, seguindo as orientações da escola, foi realizada a partir da devolução das atividades pelos alunos. Essa devolução acontecia na mesma plataforma que as crianças tinham acesso às aulas. Por serem crianças pequenas, precisavam da ajuda de seus pais e familiares para realizarem tanto o *download* das atividades, quanto para anexarem os arquivos de resposta. Em todas as aulas propusemos como atividades o diálogo com os adultos que estavam auxiliando as crianças durante as tarefas; o registro do conteúdo trabalhado em forma de desenhos; além de

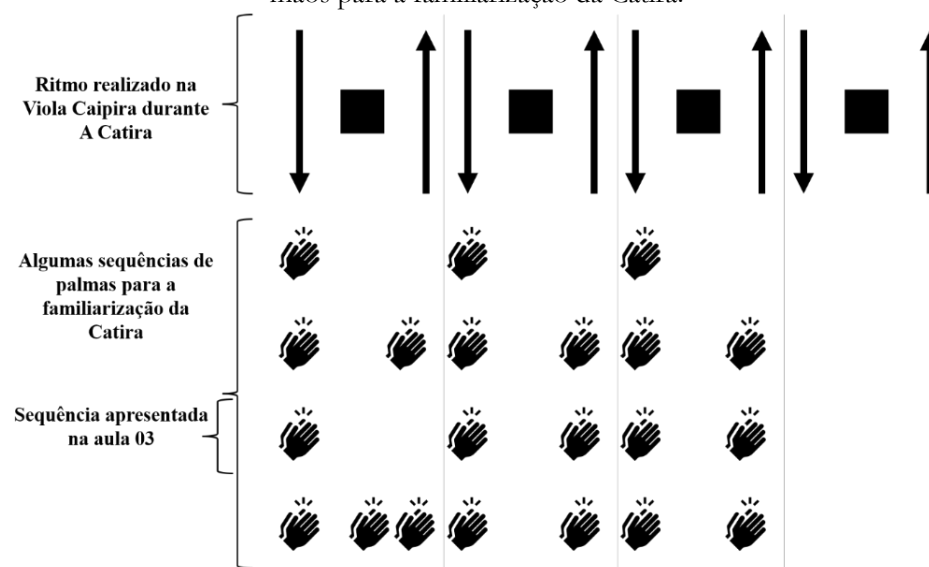


solicitarmos, quando possível, que as crianças fossem fotografadas e/ou filmadas, realizando as atividades propostas. Consideramos como participação efetiva, aquelas crianças que fizeram as postagens relacionadas ao tema central da aula.

Para que fosse possível realizar a vivência da Catira a partir do ensino remoto (Aula 03), elaboramos um vídeo^{vi} em que, além de apresentarmos de forma oral e visual algumas características da Catira – como os principais elementos da vestimenta durante a manifestação, e o instrumento musical utilizado (Viola Caipira) –, tentamos ensinar os elementos básicos da dança: a batida das palmas das mãos, acompanhando a música produzida pela Viola.

O grande desafio nesse momento foi sistematizar e transformar a Catira em saber escolar acessível aos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Para isso, elaboramos um esquema pedagógico, a partir de uma fragmentação da dança em um recorte específico. A experiência de um dos professores enquanto Violeiro, possibilitou o “desmembramento” e o “desaceleramento” do ritmo usual da Catira, em pequenos blocos, para que fosse possível, aos poucos, irmos acrescentando o número de palmas e sapateados.

Figura 02 – Esquema pedagógico de algumas seqüências de batidas das palmas das mãos para a familiarização da Catira.



Fonte: elaboração dos autores.

Enquanto estávamos formulando este esquema, percebemos que a partir do entendimento das diferentes possibilidades de seqüências de batidas das palmas das mãos e dos pés, os professores e alunos poderiam criar novas seqüências. É importante apresentar que existe uma diferença muito grande entre o ensino presencial e o ensino em formato remoto e essa diferença torna-se ainda maior quando

o ensino remoto é realizado em formato assíncrono, como foi o caso da nossa escola-campo. Compreendemos que o ensino de qualquer elemento da cultura corporal, quando realizado presencialmente, possibilita que o professor perceba as dificuldades dos alunos, realizando readaptações para melhor entendimento e internalização do conteúdo. Sobre o ensino específico da Catira, entendemos que presencialmente poderíamos focar no entendimento do ritmo musical, possibilitando que as crianças compreendessem, realizassem e criassem, em conjunto, novas sequências coreográficas.

Como nossas intervenções foram realizadas de forma assíncrona, nosso objetivo central foi apresentar as características principais da Catira: dança realizada com batidas das palmas das mãos e dos pés, acompanhando o instrumento musical Viola Caipira. Nesse sentido, mesmo apresentando para os alunos uma sequência para a dança, não avaliamos a execução, nem mesmo a técnica das crianças.

Dito isso, na Aula 03, solicitamos que as crianças, com a ajuda de seus familiares e adultos, gravassem vídeos dançando a Catira, seguindo as orientações passadas no vídeo elaborado pelos professores. Recebemos como devolutiva um total de cinco gravações que, ao final das intervenções, foram editados e agrupados em um único vídeo onde, com auxílio da tecnologia, foi possível criarmos uma apresentação de “Catira Digital”, com a participação dos residentes e dos alunos das turmas de 1º ano da escola-campo^{vii}.

Figura 03 – Registro das gravações enviadas pelos alunos referente à atividade realizada na Aula 03.



Fonte: elaboração dos autores.

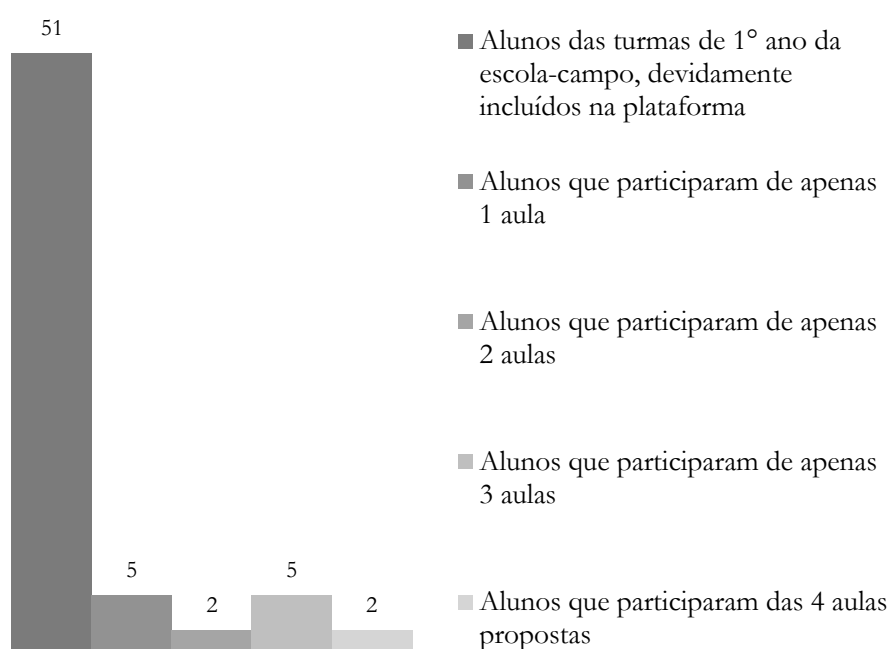
Os números do ensino remoto

A principal característica do Programa de Residência Pedagógica é sua organização de forma contínua e ininterrupta. Essa forma organizacional possibilitou compararmos os resultados, os números e as experiências vividas entre os módulos do programa, uma vez que as turmas de intervenção ao longo dos dois primeiros módulos, foram as mesmas.

Durante as intervenções realizadas no Módulo I, percebemos que dos 18 alunos da turma C do 1º ano do EF, devidamente incluídos na plataforma, apenas sete participaram de pelo menos uma aula de Educação Física. Destes sete, apenas dois alunos participaram de todas as intervenções propostas.

Na primeira metade do Módulo II o resultado não foi diferente. Analisando os números das três turmas de 1º ano, percebemos que o baixo percentual de respostas não é uma realidade isolada. Dos 51 alunos matriculados nas turmas de 1º ano da instituição (18 alunos da turma C, 15 alunos da turma D, e 18 alunos da turma E), devidamente incluídos na plataforma, apenas dois participaram de todas as aulas de Educação Física propostas; cinco alunos participaram de três aulas; dois alunos participaram de duas aulas; e cinco alunos participaram de apenas uma aula.

Gráfico 01 – Participação dos alunos das turmas de 1º ano da escola-campo durante as intervenções.



Fonte: elaboração dos autores.

Considerações finais

Durante as pesquisas realizadas para a construção deste trabalho, identificamos poucas produções que relacionavam a Catira com as práticas nas escolas. Percebemos, a partir desse contato inicial, e de relatos de alguns professores, que quando a Catira aparece na escola, ainda está muito vinculada a apresentações ligadas às festas juninas, onde o intuito é realizar uma simples coreografia ao som de uma gravação de alguma música sertaneja. Desta forma, este trabalho se propôs a contribuir na discussão sobre a possibilidade de inserir elementos da cultura corporal menos comuns à grande maioria da população, como a Catira e outras danças populares do Brasil, assumindo o real papel da Educação Física escolar: propiciar o máximo de experiências dos diversos elementos que compõem a cultura corporal.

Precisamos enfatizar que não houve formação institucional com o objetivo de oferecer auxílio e formação necessária aos professores relacionada ao uso das novas tecnologias. No entanto, coletivamente, entre os próprios residentes, preceptores e docente orientadora foram criadas estratégias para acompanhar as mudanças frequentes nesse sistema remoto de ensino.

Foi pensando na pouca produção acadêmica encontrada durante as pesquisas, somado à dificuldade que alguns professores possuem ao trabalharem com um conteúdo menos conhecido, que, ao longo dos planejamentos, elaboramos um esquema pedagógico na intenção de que outros professores possam usá-lo para auxiliá-los nos planejamentos de suas aulas. Claro que essa é uma apresentação ainda incipiente, neste sentido, entendemos que se torna necessária a realização de novas pesquisas e experiências pedagógicas sobre as diferentes Danças Populares no âmbito escolar. Além disso, a experiência aqui relatada, nos instigou para a necessidade de realizar uma análise das produções sobre a Catira no ensino escolar, uma vez que, somente a partir dela, será possível buscarmos respostas às perguntas que surgiram ao longo de nossos estudos: “será a Catira abordada nas aulas de educação física?”, “as dificuldades do ensino presencial são as mesmas do ensino remoto”, “há relutância, por parte dos alunos e/ou dos familiares, na participação das aulas?”. Somente a partir de tais reflexões avançaremos nessa temática.

Enquanto residentes acreditamos que o estágio seja muito mais que um espaço de simples vivência de docência, é um espaço único de estudo, pesquisa, planejamento, discussão e problematização (CARDOSO *et al.*, 2020). A possibilidade de estar no “chão da escola” (mesmo que virtualmente) e no “chão da academia/universidade” possibilita a pesquisa por transformação. E para isso, foi de suma importância o papel da docente orientadora, do professor preceptor, e dos

demais colegas residentes que, nos encontros, compartilharam suas experiências, frustrações e soluções.

Vale destacar que a baixa participação dos estudantes nas atividades remotas, não foi identificado apenas no conteúdo da Catira, mas em vários outros conteúdos da Educação Física. Durante as reflexões coletivas vários colegas residentes também mencionavam a baixa participação nas atividades propostas.

Neste sentido, essa experiência evidencia que no ensino remoto a maioria dos alunos não aprendeu os conteúdos específicos da disciplina de Educação Física, revelando possíveis lacunas e desafios a serem superados no pós-pandemia. Por outro lado, essa experiência também demonstrou que precisamos lutar para que a Educação, em qualquer local que esta aconteça, possibilite a formação de pessoas críticas, capazes de transformar o mundo.

Referências

BARBOSA, Ivone Garcia; SILVEIRA, Telma Aparecida Teles Martins; SOARES, Marcos Antônio. A BNCC da Educação Infantil e suas contradições: regulação versus autonomia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 77-90, jan./mai. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CARDOSO, Gabriel Garcia Borges; SOBRAL, Giselle Rodrigues; SANTOS, Lucas Batista Ricardo de Souza; LINHARES, Renata. Esportes de raquete: uma possibilidade de intervenção para as aulas de Educação Física na Educação Infantil. **Praxia: Revista on-line de Educação Física da UEG**, Goiânia, v. 2, e2020011, 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

FRANCO, Neil; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Evolução da dança no contexto histórico: aproximações iniciais com o tema. **Repertório**, Salvador, n. 26, p. 266-272, 2016.

GAEPE/GO. **Diagnóstico da Conectividade das Redes Estadual e Municipais de Ensino do Estado de Goiás**. Gabinete de Articulação Para Enfrentamento da Pandemia na Educação Pública em Goiás, Goiânia, p. 1-13, nov. 2020. Disponível em: <https://portal.tce.go.gov.br/documents/20181/311078/Relat%C3%B3rio%20da%20Conectividade%20do%20Gaepe-GO/12ce5974-f8d6-4c41-8083->

[41f8535ca150#:~:text=O%20Gabinete%20de%20Articula%C3%A7%C3%A3o%20para,maio%20a%20outubro%20de%202020. Acesso em: 19 fev. 2022.](#)

GOIÁS. **Documento Curricular para Goiás – Ampliado**. 2019.

LOBATO, Monteiro. Velha Praga. *In*: LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1974.

OS FAVORITOS DA CATIRA. Viola na Catira. *In*: INSTITUTO MARUNGO. **Os Favoritos da Catira - Viola na Catira – Recortado**. Disponível em: <https://youtu.be/OocduFKqaVI>. Acesso em: 19 fev. 2022.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e Boiadas**. Goiânia: Kelps, 2014.

SANT'ANNA, Romildo. **A Moda é Viola**: ensaio do Cantar Caipira. 4. ed. rev. e ampl. Edição do Autor, 2020.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 6. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na Pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**, v. 31, n. 67, p. 36-49, jan. 2021.

SENADOR CANEDO. **Currículo Norteador das Práticas Educacionais do Município de Senador Canedo**. 2019.

TEIXEIRA, Maisa França. **Espaços e territorialidades do “festejar” da catira no estado de Goiás**. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

VILELA, Ivan. **Cantando a Própria História**: Música Caipira e Enraizamento. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Recebido em: 18/05/2022

Aprovado em: 08/07/2022

Publicado em: 01/08/2022

ⁱ Em algumas regiões do Brasil a Catira é conhecida como Cateretê. Neste trabalho usaremos o termo Catira, por ser o termo usado na região de Goiás.

ⁱⁱ Para compreender melhor as origens da Viola, antes de sua chegada ao Brasil, recomendamos a leitura do livro *Cantando a Própria História: música caipira e enraizamento*, de Ivan Vilela (2015), principalmente o item *Origens* (p. 31-38). Recomendamos, também, a leitura do livro *A Moda é Viola: ensaio do Cantar Caipira*, de Romildo Sant'Anna (2020).

ⁱⁱⁱ Podemos perceber a importância desse instrumento entre os tropeiros, ao analisarmos os contos do escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), publicados no livro *Tropas e Boiadas* (RAMOS, 2014). Nos contos que relatam algum

acontecimento em comitivas tropeiras, a presença da Viola e/ou dos versos improvisados aparece, sempre, durante o momento de descanso nos pousos.

^{iv} Montagem a partir de imagens retiradas do livro *Partituras Brasileiras Online: Música Popular, vol. 5 - Violas do Brasil (A-I)*, publicado no ano de 2017, pela Fundação Nacional de Artes (FUNART).

^v Por ter sido uma das formas utilizadas para catequização pelos Jesuítas, percebemos, ainda hoje, a ligação da Catira com o catolicismo. Essa ligação, muitas das vezes, faz com que membros de outras vertentes religiosas se coloquem contrários à prática e ao ensino deste elemento nas escolas (como será apresentado mais adiante no nosso texto). É preciso, pois, entender que o conhecimento sobre determinado elemento não é uma doutrinação e que, por mais que nas suas origens essa dança estivesse vinculada ao processo de catequização, hoje a Catira é dançada, por muitos, como forma de lazer e sem vínculo religioso.

^{vi} Vídeo disponível em: <https://youtu.be/1HCk23qYd2I>.

^{vii} Vídeo disponível em: <https://youtu.be/mQ5cN8IE1wY>.